

DO DIÁRIO DE UM PEQUENO BURGUÊS

Luís Gonzaga Vieira

Hoje é o segundo dia do ano de 1972, um ano que também será muito engraçado, como todos os outros..... Amanhã vou ao dentista, hoje vou fazer barba e tomar banho. Sim, eu também tenho minhas boas doses de cinismo. As pessoas convivem comigo, mas elas não sabem o que ando falando delas no que escrevo. A noite agora está quente, e eu continuo nem triste nem alegre nem indiferente. Na sala de visitas, minha mãe, Maria Alice, Maria do Rosário, Duílio e os meninos vêem televisão. O problema da velhice é que o corpo não caminha direito nem pode fazer muito esforço, e o velho não pode ficar sozinho pra não fazer besteira, precisa de companhia. Quem ficará comigo quando eu estiver velho e fazendo minhas besteiras domésticas e sofrendo minhas doenças de velho? Se a tristeza é inútil e sintoma de masoquismo, no entanto pode ser uma espécie de defesa. O senhor poderia me explicar o que vem a ser amor? pergunta o fulano na televisão. O que é a verdade? perguntam todos os homens. A televisão brasileira é muita instrutiva (sic!): cê vê gente ressuscitando mosquito, comendo coco, tocando música nas unhas, ..., o capeta. E há sempre um júri para julgar a cultura fabulosa do programa, cultura marca embratel. Se o dente pára de doer, com que dor eu vou me divertir? O sentimento do povo brasileiro exala catinga por todos os poros do asfalto. Você é livre mas, por favor, não

leve muito a sério esse negócio todo. Quando os outros dizem que sou escritor, sinto que eles estão satisfeitos em reconhecer isso — mas eu não sinto satisfação em reconhecer que sou escritor, apenas sinto que sou um desajustado mental, um sujeito completamente fora de órbita mas que, na prática, comporta-se muito bem e civilizadamente. Estou quase terminando de bater o “XYZ” a limpo. Com o dinheiro que vou pagar ao dentista, vou ficar sem nada pra ir ao Rio, e eu precisava urgentemente ir ao Rio resolver o negócio do meu primeiro livro com o Álvaro Pacheco. As coisas não se resolvem, as coisas se reboalam e se acavalam, e cada um procura resolver o próprio problema ou, melhor ainda, procura conviver pacificamente com os próprios problemas. Pra mim, pelo menos, escrever é espécie de doença, febre, neurose. Na hora que a turma for dormir, eu vou fazer a barba e tomar banho, caso vocês não fiquem incomodados com isso. Empunho a caneta como espada, mais tarde ficarei ferido. Por gentileza, esperem por mim amanhã ou qualquer outro dia.

* * *

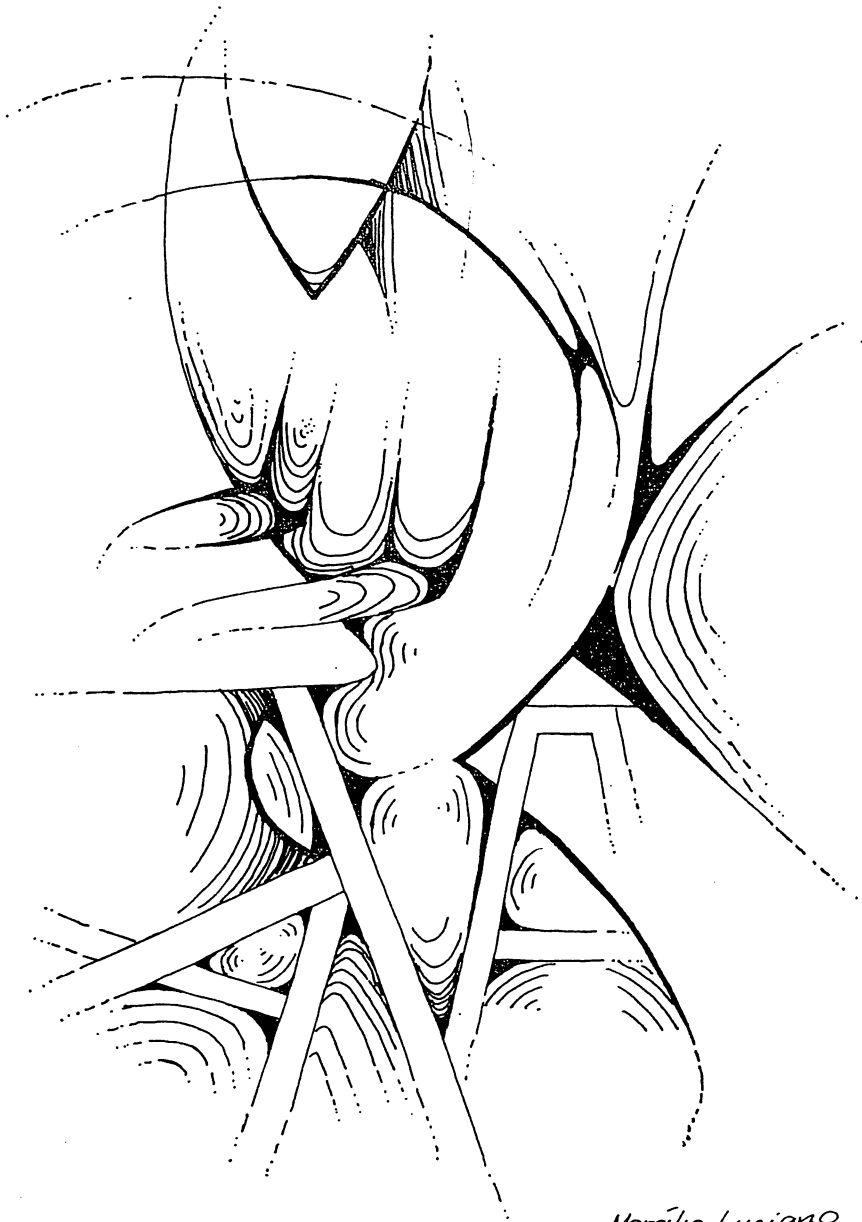
Por que falo tanto em minha mãe? Que os psicanalistas o digam!

* * *

“O Corpo é a Cicatriz de Sua Mente” — este é o nome de uma peça de Yoko Ono. *Every man is a potential Hitler*. (John Lennon). *Every woman is a potential Hitler's mother*. (John's wife Yoko). Yoko: “Jogar fora nossa loucura para não caminharmos para a insanidade”.

* * *

A cabeça vai longe, muito longe — e o corpo permanece dolorosamente estático. Eu sei que há um mundo todo a ser explorado, no entanto meu corpo continua trancado no quarto. Daí a neurose e os choques diários entre a cabeça e o corpo.



Até que o corpo agoniza e a cabeça estrebucha como um possesso. Então, é o fim — definitivamente.

* * *

Toute la littérature s'inscrit dans cette problématique; née dans l'insatisfaction et la différence, elle se développe dans le conflit. (Philippe Meirieu).

C'est ainsi que Dyonisos est au point de départ de toute la pensée occidentale. (Idem).

* * *

Minha mãe sente fortes dores na perna e vai ao médico pra ver o quê que há com ela. É chato a gente viver em companhia de pessoas que sofrem, a gente fica incomodado com o sofrimento dos outros. Então penso que a gente vai ficando velho e que o corpo começa reclamar de tudo. E, pior ainda: não há remédio contra a velhice, nem há caminho para a volta ou para o nada. Hoje eu levantei às duas horas da tarde, minha mãe reclamou das dores da perna, minha mão treme. Quando levanto tarde, levanto chateado, amargurado não sei com o quê. Como sempre, o dinheiro é curto, e as necessidades reais ou inventadas são muitas. Os fatos são insensíveis, a gente sobrevive. Depois da janta vou ouvir de novo *Imagine*, o disco de John Lennon. O sofrimento é uma coisa muito solitária e singular. Minha mãe vai ao médico: se o médico receitar remédios, ela não tem dinheiro para comprar. E o dia hoje está mais claro e bonito. Terça-feira que vem já é fevereiro.

* * *

Eu sou uma oração subordinada. Se você não entender o que isto significa, então a frase torna-se misteriosa e você pode até pensar que eu estou falando uma coisa muito profunda. Na verdade, quando digo que sou uma oração subordinada, nem eu mesmo sei o que quero dizer com isso.

Meu rosto não é feito de carne e osso, mas é feito de idéias e pensamentos. Sou um sujeito inteligente e muito profundo (pelo menos é o que me dizem), por isso meu rosto também é fundo, com olheiras. Se o comportamento mental pode causar doenças físicas, não é verdade que meus pensamentos deram uma conformação determinada ao meu rosto? E desde os dez ou 15 anos eu já achava bonito ter rosto angustiado, com olhos fundos: um rosto "mental". Hoje eu continuo achando bonito ter esse tipo de rosto, só que agora eu tenho experiência própria do caso e me sinto incomodado. Gosto da angústia dos outros, mas não da minha!

* * *

Quando acontece com a gente, uma coisa nunca é grandiosa — assim como um santo, que nunca faz milagres na própria terra. Então a gente pensa nas coisas grandiosas que acontecem com os outros, sem perceber as coisas grandiosas que estão acontecendo com a gente. Por estar muito próximo e muito dentro de mim mesmo, eu não me vejo. E por isso eu preciso continuamente dos outros — para que os outros me despertem continuamente.

* * *

Sinto que, a qualquer momento, o coração pode explodir.

* * *

O pensamento é como doença, neurose, esquizofrenia. Parece que tudo se reduz a pensamentos, isto é: eu divago sobre tudo o que vejo e faço. Enquanto tomo banho, fico pensando. Deito pra dormir e fico pensando. Quando estou sonhando, comumente fico pensando nos sonhos, . . ., discutindo comigo mesmo e com personagens invisíveis e sonâmbulos. Sinto como se estivesse suspenso por pensamentos. Os pensamentos criam uma distância entre as coisas e eu. Os pensamentos me atrapalham sentir as coisas e as pessoas. Por outro lado, penso em

todos os meus compromissos, nas dívidas, nas notas promissórias, nos projetos, nos sonhos. A mulher ideal não aparece, e eu não conheço nenhuma mulher real, e eu não gosto de coisas ideais. Levantei hoje depois da uma hora, levantei chateado. Vou gastar mais ou menos um milhão com o dentista, e eu ganho 350 por mês. Seria muito bom e muito consolador se eu ganhasse o prêmio literário lá de Barcelona, da Editora Seix Barral. Levantei chateado, e a máquina de escrever ameaça estragar. Choveu um pouco, a chuva tapeou um pouco o calor. Estou preparando alguma coisa para levar pro suplemento literário. As pessoas conversam comigo sobre literatura. Desde abril do ano passado não escrevo nada de ficção, estou cada vez mais metido na realidade, até que a realidade me devore. Afinal, estou escrevendo cinco livros de ensaios ao mesmo tempo e já tenho quatro livros de ficção prontos e este diário. Em julho faço 36 anos. Por enquanto ... Estou lendo o romance do Rui Mourão e não estou gostando. Vilela e Rui Mourão fracassaram, é o que penso. E os dois são grandes amigos. Só não sei é se eles continuarão meus amigos depois que souberem o que penso do livro deles. Escrever é uma coisa muito esquisita, um negócio meio estranho, é uma espécie de vício, de doença incurável. Olho pra fora da janela e não vejo nada, os ruídos estão fermentando o silêncio. Às vezes, parece que uma alegria vai nascer, e eu fico esperando que ela aconteça. Mas a alegria passa por mim tão rápido como foguete espacial. Quando ganhar um pouco mais de dinheiro, talvez eu fique menos insatisfeito e quase alegre. Há um vulcão dentro de mim — dentro de mim há uma contínua explosão com bombas de hidrogênio — e como tudo isso é prosaico — e como minha cara é a mesma de sempre. Eu sou definitivamente eu: este é o problema e esta é a solução. Mas não me levem muito a sério nem fiquem chateados, eu realmente não sei o que está acontecendo.

* * *

Talvez seja uma espécie de angústia, embotamento, cansaço mental, ceticismo, melancolia, uma porção de nomes desse

tipo. Tenho que fazer uma força danada pra levantar cedo, mas tenho levantado depois do meio-dia. Dormindo, é como se os problemas e as preocupações também dormissem comigo e ficassem temporariamente paralizados. Se bem que, dormindo, surge um modo novo de agravar os problemas e as situações. Sinto-me *incomodado* com tudo, absolutamente *incomodado*. Falta de dinheiro e falta de amor, de afetividade. Quanto mais tempo fico dentro do quarto, mais vou ficando incomodado, então preciso sair pra rua, ver o movimento dos outros na rua, assistir a alegria deles, o desfile deles na rua, o desfile das moças exibindo corpos fantasmagóricos e mágicos. Há uma dose de abulia mexendo comigo. Vou vivendo esses probleminhas de casa e família, inventando contrapontos entre as necessidades materiais e mentais. Queria sossego e paz interior, mas tudo serve para me preocupar. Dentro de mim há uma capacidade imensa para explodir, mas tudo fica só na capacidade, e meu comportamento é apenas o de um homem capaz. Quer dizer: eu sou sempre uma ameaça, mas sem efeito prático. No fim dessa semana é carnaval..... Sou apenas um sujeito que se lamenta, sou um escritor lamentável. Evidentemente, minha presunção e vaidade não concordam com isso'.....

Eu me sinto imensamente enternecido quando vejo um rosto de criança, toda aquela inocência, um rosto que ainda não sabe o que é o mundo, um rosto que ainda não foi atingido pelas misérias e malícias do mundo. Também me sinto imensamente enternecido vendo o rosto de um velho, não tanto o rosto, mas os olhos, esses olhos que já viram muita coisa e que refletem um mundo cheio de melancolia. Costumo prestar atenção nos olhos dos outros animais também. Não sei, vejo muita coisa nos olhos de todos os animais, e isso pode ser apenas mera impressão minha. O olho de um cavalo, como se refletisse uma espécie de melancolia estática, parada, paralizada, ausente. O olho de uma coruja. O olho de um cachorro. Vejo tanta vida no olho de cada animal que é como se a vida só existisse no olho de cada um, como se a vida estivesse toda concentrada nos olhos. Os olhos de uma criança, por exemplo.

Os gestos descontraídos de uma criança. Acima de tudo, uma criança dormindo. E essa distância tremenda entre a criança dormindo no berço e eu olhando para o mundo, e o mundo me devassando. Como se eu estivesse atacado de uma imensa ternura por tudo e essa ternura me provocasse abatimento e melancolia.

* * *

Minha mãe chega e pergunta: cê não quer ir visitar sua tia não? Se ocê não for ver sua tia logo, você não vai pegar ela viva. Minha tia gosta de mim e eu dela, mas eu não gosto de moribundos, e eu não sei quem vai gostar de mim quando eu estiver agonizando. Não sei explicar o que sinto e o modo como me comporto diante do que sinto. Sou um sujeito cínico ou um sujeito desesperado? Diante do sofrimento dos outros minha reação sempre foi teórica e mental. Um completo isolamento entre o que acontece e o que sou. Também não sei quais serão as conseqüências disso. Também não sei se a vida é um presente ou uma traição, embora teoricamente eu acredite que a vida seja coisa positiva. Enquanto isso, vou compondo minhas frases, até o dia em que não puder compor mais nada — até o dia em que eu ficar decomposto, existindo apenas na lembrança dos que perderam a memória.

Este meu diário é realmente uma autobiografia de espírito. (Estou facilitando as coisas para os pesquisadores do futuro!...)

* * *

Amanhã é o batizado. O batizado é sempre amanhã. E eu não sei se amanhã estarei vivo.

* * *

Avacalhei o romance do Vilela, e o Vilela avacalhou minha crítica. O que importa é que ele continua meu amigo, suponho. Diante das discussões, diante dos erros e das injustiças e dos

acertos, estou ficando cada vez mais chateado com esse negócio de conversa literária, de literatura, de vida, tudo. Talvez seja por causa dos maus momentos (íntimos) por que estou passando. Vou dar só 90 cruzeiros pra minha mãe, e ela esperava que eu desse pelo menos 200 — mas é que eu tive que pagar 300 cruzeiros pro dentista, e vou ficar só com dois cruzeiros no bolso. Como sempre, quando estou com pouco dinheiro, penso parar de fumar. Depois também, hoje eu estava conversando com uns caras e eles me falaram que um sujeito morreu de enfisema, de tanto fumar. Aqui em casa, minha mãe achou bom que eu fosse tratar dos dentes, e ela sabe que eu só ganho 322 por mês, e depois ela não acha muito bom que eu dê só 100 cruzeiros pra ela. Mas é engano meu. Eu dei 90 cruzeiros pra ela agorinha mesmo, e ela falou que tá bom, aperta um pouco mas tá bom. Só eu é que não estou muito bom — mas eu não sei direito como é que eu estou, só sei que estou. *Stop!* (Foi a vida que parou?)

* * *

..... O locutor berra: este é o melhor carnaval de 72. E eu penso: uai! vai ter outro esse ano?!....
..... Daqui do quarto não ouço nenhum barulho diferente, é como os outros dias — e os clubes aqui perto de casa parece que não estão funcionando, pois não ouço nenhum barulho. Você olhou de repente pra mim, e com a mesma rapidez eu passei por você, o tempo exato de você ajeitar os cabelos que caíam nos olhos. Havia o desejo de ser conhecido pelo público mas, acima de tudo, havia a satisfação de andar no meio dos outros sem ser reconhecido por ninguém, nem mesmo por um amigo impessoal. Minha irmã, disse para o Jésus. E Jésus comentou: essa é a primeira vez que eu cumprimento alguém dentro de uma piscina. Eu escrevo as coisas naturalmente, mas todas as coisas que escrevo saem bem comportadas e bem boladas, talvez porque eu seja um cara que vive em companhia de livros e discos. Enquanto colocava a música, Jésus me apresentou: Dora, esse é o Luís; a Dora é minha irmã. Cê aceita uma batidinha? Não sei fazer

não, mas vou experimentar. Aceito. Trouxe a batidinha e pedaços de frango. Eu acho muito certo aquele negócio que ocê escreveu sobre o Henry Miller. São sete na sua casa? Não, são oito: cinco mulheres e três homens. Meu pai e minha mãe moram em Diamantina mesmo. Aqui não tem jeito de errar, o prédio fica na esquina da Rua Padre Marinho, apartamento 202. São 12 cigarros no maço. Dia 17 minha mãe recebe dinheiro e me compra um pacote. Não tenho nem um disco do Carlos Lyra, é um crime. Jêsus de Almeida Rocha. Há uns sete Luís Gonzaga Vieira aqui em Belo Horizonte. Quantas horas? Cê tá precisando de quantas? Meia-noite e meia? As mulheres boas, os bons desejos, as más intenções. Tou incrementado hoje, ele disse.
Pior de tudo é o fulano que dizia pro sicrano: carnaval aqui tá quase igual no Rio. Não é possível! Será que ele tava falando sério? As balzaqueanas desfilavam o próprio desapontamento no passeio. Fumo em contagem regressiva (em contagem repressiva). Os clubes, e eu pensando nos clubes.
.....Não tem importância, a Maria Alice tem cigarro, eu filo dela depois. O carnaval de Belo Horizonte é comovente! Eles promovem o carnaval, mas carnaval é uma coisa que tem que vir de dentro de cada um e não de fora: viver em estado de carnaval, como os cariocas vivem. Em São João del-Rei dizem que há um carnaval muito bom. O que há de bom no carnaval de Belo Horizonte é um conto que eu escrevi sobre o carnaval daqui e que está no meu livro "Concerto para a Mão Esquerda" (desculpando a minha modéstia). Quando Valdimir leu o conto, ele disse: é isso. Então em perguntei: é isso o quê? E ele falou: é desse jeito que eu queria escrever, agora eu não escrevo mais, cê já disse tudo. Diga-me que sou ótimo, e eu direi que és planetário. A dormência: este é o estado. Esse estado de dormência dos sentidos, enquanto o sexo queima como napalm. Engraçado: é domingo de carnaval e eu ouço latidos. O ventinho bate na persiana e diz: eu também estou aqui. *Jesus Christ, I'm here!* Cadernos de Jornalismo e Comunicação. Pretendo lavar a cabeça, já que a cabeça não pode me lavar. Terça-feira talvez eu vá nadar

de novo. Acender um fósforo para calcular o tamanho da escuridão, conforme queria Faulkner. Do mesmo modo: escrever dez livros para sentir o tamanho do meu vazio, conforme eu digo. Ei, crioulo! O crioulo se requebrava no meio da Avenida. Agora eles inverteram a questão. Agora ninguém faz penitência pelos pecados, agora eles pecam para compensar a penitência que andaram fazendo. O ritmo da frase pode impressionar, e eu me impressiono muito bem com esse ritmo, e penso na impressão dos outros diante dele, do ritmo. O pescoço e a nuca fixam a página, por isso ficam doendo. Aos poucos, os populares vão para suas casas. De populares eles não têm nada, não sei nem se eles têm casa. Nasci no Brasil: só a partir desse fato é que posso encarar o mundo. A Groelândia é apenas um desenho (mancha) no mapa. Veja essa de Rui Guerra: letra dele e música de Carlos Lyra. Casado com uma americana, passou muito tempo no México. É a velha piada sobre a infelicidade do México: tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos!..... Quando o gigante despertar, já terá passado o tempo dos gigantes. Eu tava pensando é naquele negócio que ocê escreveu sobre pigmeu e atleta, naquele artigo sobre Henry Miller. Ah, sei!..... A mulher é o desejo, a irrealização, as teorias, os sonhos, um palácio encantado descrito por um escritor inglês. Rancaram o estopim da bomba da paz. É possível que uma pessoa morta pense que está viva? Se não é possível, pelo menos é exatamente essa a impressão que temos quando olhamos para muita gente. E o espelho não te diz nada? Acontece que eu não sou apenas um morto, mas um morto glorioso, e que vive das próprias glórias, disso que ele chama de próprias glórias. Eu sou um acidente no mundo (acidental e sujeito a desastres): posso me julgar essencial, mas sou acidente. Minha presença não afeta o andamento do Universo. No fundo, estar vivo é apenas saber que estou vivo, saber que sofro de uma doença incurável chamada pensamento.

* * *

Quando a gente está sozinho no meio dos outros, isto não teria grande importância. Pior é não poder explicar a ninguém o que se passa dentro da gente, porque nem mesmo a gente sabe do que se trata. É um isolamento completo, total. Naturalmente, tenho que descontar meus exageros — tirar a média.

..... E eu sou escritor, e meu ofício é público. É muito engraçado pensar que eu cheguei na condição em que estou. É muito engraçado pensar no instante exato da minha morte.

* * *

Sinto, absolutamente, aquilo que Millôr Fernandes dizia: “Da vida ninguém escapa”. Não escapo da vida, do amor, do sexo, das mulheres, da minha neurose, da minha visão (ou evasão) de mundo. Estou vivo, irremediavelmente vivo. E o suicídio apenas confirmaria que eu estou vivo. E porque estou irremediavelmente vivo, eu sou irremediavelmente eu mesmo. De um modo menos constrangedor, o problema é o seguinte: é nisso que dá ser metido a filósofo e pensador! Pelo menos, é o que a moça me dizia.

* * *

Se não procuro os outros, como quero que eles me procurem?

A música de Bach tem gosto de semana santa! (Por quê?!)

* * *

O que você tiver para escrever agora, escreva bem, pois você não sabe se amanhã estará vivo ou bem disposto para escrever outra coisa, quer dizer: a única coisa que você tem para escrever é isto que você está escrevendo agora, no momento nada mais importa. A coisa realmente importante é aquilo que você está fazendo, não é aquilo que fez nem aquilo que fará. Boa sorte!

* * *

“Deus” é a minha consciência — é a consciência de saber que há pessoas que acreditam em Deus, pessoas que *se comportam* deste ou daquele jeito porque acreditam neste ou naquele Deus, nesta ou naquela espécie de Deus. Quando penso em “Deus”, estou pensando no comportamento das pessoas.

* * *

No fundo, sou um cara emotivo e bastante sentimental. Um cara que gosta de ternura e que chora por pouca coisa, mas longe dos outros evidentemente, tenho vergonha de expor minhas fraquezas íntimas. (Fraquezas?)

Pensei no romance do Vilela. Gostei que outros falassem mal, porque isso significa que não estou sozinho nas críticas que fiz. Mas hoje eu entrei mais dentro de mim mesmo e me perguntei por que sempre estou querendo saber o que os outros acham do romance do Vilela. E, meio forçado, tive que reconhecer que, no fundo de mim, eu gostava de ver os outros falando mal dele, porque eu gosto de ver o fiasco dos outros, porque meu sadismo fica satisfeito com isso. Quero que os outros escrevam bons livros, mas gosto de escrever mal sobre os outros. Mas só escrevo mal sobre os outros quando acho que eles não prestam: não faço média, dou minhas opiniões que podem estar certas ou erradas, não importa, pois não sou critério de verdades absolutas nem sou fabricante de dogmas. Que os inimigos me perdoem, mas eu assumo todos os meus erros e todos os meus acertos. Eu sou apenas eu, e o mundo tem bilhões de habitantes, bilhões de cabeças, bilhões de verdades.

* * *

Solidão! Esse problema de pessoas solitárias. A balzaqueana sofria de solidão, era da Tradicional Família Mineira e não conseguira libertar-se dos preconceitos. A terrível solidão de solteirona que ela sentia. E o casamento, que já não estava resolvendo mais nada Homens e mulheres devem viver juntos, mas em que bases? Eu não

sou uma pessoa, eu sou um problema. Fico pensando na minha morte, mas assim: eu preciso resolver *como* quero morrer, preciso inventar coragem ou desespero para escolher a *minha* morte. Enquanto é tempo, penso nisso. Porque, quando vier a arteriosclerose ou o câncer, aí não adiantará mais, aí eu ficarei à mercê dos outros, à mercê da piedade ou da indiferença deles. Não sei como isso será resolvido, se é que será resolvido.

* * *

Engraçado é que, quando estou pensando sozinho comigo mesmo, muitas vezes me elogio e fico admirado com as coisas que penso e escrevo mas, na mesma hora, eu me ridicularizo, me gozo, me xingo. Estas duas atitudes dentro de mim são muito freqüentes: estou sempre conversando comigo mesmo, me elogiando, me avacalhando, nunca me levando realmente a sério, por mais sérias que possam ser as coisas que faço ou ameaço. A verdade é que nunca consegui me levar a sério.

* * *

Podemos fazer algumas comparações e aproximações. Por exemplo. Ortega y Gasset disse: "O corpo é a realidade do espírito". Nélide Piñon escrevia: "o nervo é o universo do corpo". E Yoko Ono afirmava: "O corpo é a cicatriz de sua mente".

* * *

Essa coisa dentro de mim — onde só a música consegue chegar.

* * *

Ê o diabo! Mandei meu romance "X Y Z" para concorrer ao prêmio da Editorial Seix Barral, de Barcelona. Depois, eles me mandaram um recibo, avisando que os dois originais haviam chegado. Mais tarde, recebi uma carta de Barcelona

pedindo: “la amabilidad de remitirnos tan pronto como le sea posible una nota bio-bibliografica suya, en la que se detallen fecha y lugar de nacimiento, estudios, actividades y publicaciones, dado que carecemos de tales datos”. Pois bem. Agora eu fico entre a esperança e a dúvida, esperando chegar o dia do resultado do concurso, a 18 de maio, para ficar novamente decepcionado comigo mesmo ou sentir uma imensa alegria. Afinal, por que eu não poderia ganhar um troço desse, já que ficaria numa situação bem agradável? O jeito é esperar e....

* * *

Eu tenho consciência de que sou um grande escritor: mas que faço eu dessa consciência? de que me serve?

* * *

Estou escrevendo outro romance: “Marchemos resolutos para a guerra”..... Dou meu testemunho de agonizante — mas ninguém sabe que estou agonizando nem sabe que estou dando testemunho de alguma coisa. Mais dia menos dia, pode ser que eu estoure. E vocês certamente ouvirão o ruído. Que consolação!

* * *

Tú eres um tibio, Silvestre, mi viejo. No eres ni frio ni calliente. Subía que no sabías amar, ahora sé que tampoco puedes odiar. Eres eso: un escritor. Un espectador tibio. Con gusto te vomitaría, pero no puedo porque ya vomité todo lo que podía. Además, eres mi amigo, qué coño.

Técnica es experiencia concentrada.

(G. Cabrera Infante, em “Tres Tigres Tristes”).

* * *

Tudo pode acontecer, tudo pode não acontecer. Nunca passei tanto tempo sem dinheiro como agora. E falta de dinheiro me deprime, porque não posso comprar cigarro. Sem

cigarro não faço nada. Estou na expectativa de saber o resultado do concurso de Barcelona e a minha ida para os Estados Unidos em setembro. Se nada disso der certo, vou curtir sozinho minha fossa e meu desapontamento. O resultado do concurso de Barcelona deve sair dia 18 de maio, e já estamos a 10 de abril. As pessoas costumaram me chamar de escritor por causa das coisas que escrevo no Suplemento Literário, tenho fama de escritor, mas não sei como posso publicar meus livros. Sinto que está tudo encurralado, e meu sentimento é este, o de um homem encurralado. Maria Benvinda está doente em Araxá, minha mãe vai lá. Devo 400 cruzeiros pro dentista e meu ordenado mensal é de 350. Ganho pouco porque não gosto de trabalhar, mas gosto de achar ruim com tudo. Em que embrulhada me meteram! Em que embrulhada eu fui me meter!!

* * *

Estou sentindo dificuldade na respiração, e penso em câncer, porque eu sempre penso em câncer. Uma espécie de vazio na barriga. Eu gostaria de ser um grande amigo da morte, mas infelizmente não tenho familiaridade com ela. Também não tenho cigarro nem dinheiro. Escrevo um ensaio sobre Emílio Moura. Penso, explodo.

* * *

Sem nicotina é aquele vazio, aquela tristeza, aquela angústia. Sem nicotina ainda não fui capaz de escrever. Estou num mundo em que estava desabitado a viver. Dinheiro e afetividade sempre me fizeram muita falta, pois eu nunca tive nem uma coisa nem outra, e talvez morra seco e desidratado. O mundo, e os bilhões de problemas que há no mundo. A vida do mundo, e a vida de cada pessoa no mundo, As mulheres do mundo, do Brasil, de BH. A solidão. A velhice. Saber que este mundo é apenas este mundo — saber que o mundo é tudo isso e eu sou apenas eu mesmo, enfiado aqui na minha toca, sem dinheiro, sem mulher e sem cigarro (parei de fumar, pelo

menos estou tentando) . ISTO — IRREMEDIAMENTE — DEFINITIVAMENTE.

* * *

Parei de fumar e o vazio é desgraçado. Não estou com vontade de escrever nada, absolutamente nada. Ainda bem que já escrevi vários livros, e há outros livros bem encaminhados. Se eu tivesse dinheiro, essa noite seria espetacular pra sair, comer e beber muito. Mas tou sem nem um tostão no bolso, como sempre. Minha mãe foi à Viçosa ver a filha da Teresinha que nasceu por esses dias. Zé Reinaldo falou que vinha de São Paulo, mas resolveu deixar pra mais tarde. Amílcar garantiu que pederastia era doença mental, toda doença física é doença mental. Mariângela ficava rindo atrás dos óculos, Geraldo não concordava de jeito nenhum. Vazio do tamanho de uma égua cósmica. Falta de gosto pra escrever ou ler. No fundo, aquela dúvida diante das coisas que escrevo. E tem esse concurso lá de Barcelona que pode me acontecer ou não, Esse ano, pelo menos, duas agradáveis decepções podem me acontecer. Então, eu continuarei subindo e descendo a Rua da Bahia, perfeitamente consciente de que sou um grande escritor: morrerei consciente — e inédito. Há uma porção de coisas pra fazer, e eu não faço nada, fico apenas contemplando o nada na minha frente, um nada cor-de-rosa e mal rebocado. As coisas acontecem, é verdade, e eu já me vejo um cara velho, 60 ou 70 anos, com todas essas manias e depressões de velho, de certo modo invejando a vitalidade dos moços. Não sei, mas eu preciso escolher a hora da minha morte, quer dizer, não deixar que a velhice me avacalhe. Tudo isso é pura teoria, e eu não sei o que é que a prática poderá fazer por mim. Eu queria apenas um dinheiro pra sair agora, comer e beber. Hoje é sexta, noite boa pra isso. Ainda mais que, sem fumar, a fome aumenta, o gosto das coisas é superlativo. Mas não adianta pensar, pois não tenho dinheiro mesmo, e só recebo meu ordenado dia 11 de maio. Meu inglês é péssimo, por isso a bolsa ainda não saiu. Tenho pinga aqui em casa mas, se eu tomar

um gole, fico com vontade de beber a garrafa toda, e na geladeira não tem nada pra comer. São nove e meia da noite,
.....! Minha irmã e o namorado dela
Os amigos estão por aí, a vida circula no espaço, hoje é véspera de amanhã. Eu queria. E. Você queria. Todo mundo queria. Pense bem. Este é teu único momento, teu único instante. Não há outro instante, nem há outra vida.

* * *

Engraçado! O tempo passa e a cara da gente vai tomando outro aspecto (pra não dizer coisa pior). Nos primeiros anos de vida (digamos: até os 25 anos de idade), minha cara tinha jeito mais de inocência, esse tipo de inocência que se confunde com a ignorância de tudo. Depois dos 25 anos entrei para a lucidez e minha cara então ficou pesada e grave, não tanto a cara, mas os olhos que sempre foram profundos e enigmáticos, ou por outra, sempre espantados diante do mundo (é espanto, nostalgia, melancolia). Hoje, aos 36 anos de idade, minha cara ainda não está completa, mas eu estou completo, apesar de sofrer a falta de amor e dinheiro. E, agora, sem qualquer lirismo de minha parte, eu só poderei viver um minuto de amor, mas será um minuto terrivelmente carregado de mim mesmo, será um amor com uma carga tremenda de personalidade. Não sei pra que servirá tudo isso, só sei que será assim. Tenho pensado bastante em misoginia, mas

* * *

Quis beber, e bebi E depois? Depois nada. Apenas esse vazio, essa falta de significação, toda essa gratuidade. A amizade da moça, e minha amizade por ela. Isto que chamam de amor, e que é tão corriqueiro, tão prosaico, embora seja fundamental. O mundo imenso, e eu tão pequeno diante do mundo. Minha emotividade, minha sensibilidade. As manifestações do meu corpo. Meu olho gigante, descomunal.

* * *

Sou solteirão e procedo desse modo. Quero mulher e só encontro esposas. Quando encontro mulher, ela quer pelo menos um filho. Falta de sorte a minha, é lógico! Vejo que sou gamado com muita mulher e elas não sabem, mas vejo também que elas devem gostar de muita gente que nem sabe que elas existem. É o diabo! Tudo poderia ser bem mais simples, menos hipócrita, mais decente. Mas não. Cada um vai curtindo o próprio desapontamento no quarto ou num lugar qualquer bem isolado. Enquanto isso, o tempo passa, tenho a consciência do tempo passando, então vejo minha mãe que custa para entrar no táxi porque ela está com 68 anos de idade e o corpo já não obedece tanto. O pensamento voa, mas o corpo pesa cada vez mais, atraído para o fundo da terra. Se uma pessoa gosta de sofrer, não é melhor assim pra ela? Masoquismo é espécie de fuga? Não sei se é por causa do colchão de mola, mas minhas costas ficam doendo enquanto durmo. Quê que é aquilo ali? Parei de fumar desde abril e ainda não estou acostumado, quer dizer: há um vazio, vontade de não fazer nada ou fazer alguma coisa mas durante pouco tempo, vontade de dormir bastante, comer muito, beber. Amanhã é segunda, dia 5 de junho, dizem que vão pagar a gente antes do dia 10, porque dia 11 é domingo e dia dos namorados. Será que eu vou receber mesmo um bom dinheiro? Ah! Eu tava esquecendo de dizer uma coisa procês. Eu sou escritor, cês sabiam? Pois é. Eu sou escritor. Isso acontece até nas melhores famílias! Sobre o concurso literário de Barcelona até hoje não sei nada, e o resultado deveria sair no dia 18 de maio. Sobre a bolsa dos Estados Unidos também não sei de nada. Em compensação não preciso mais pentear cabelo, cortei curtinho, penteio com a mão. Entrego meu espírito no estômago do mundo. Inédito ou não, o mundo continua cada vez mais explosivo. Pelo menos, ainda posso publicar alguma coisa no Suplemento Literário do Minas Gerais, minha vaidade gosta disso, também porque os outros me lêem e me escrevem, me insultando de escritor, filósofo e inteligente — e eu acredito! Acredito na boa vontade dos amigos e desconhecidos e acredito principalmente que vou

dormir agorinha mesmo. Amanhã é segunda — sempre será segunda — hoje sempre foi domingo. Nunca vou poder me apagar, porque eu já fui. E, realmente devo ser um filósofo, ou então Os olhos continuam olhando, e eu já não sei qual é a incógnita, se são os olhos que vêem o mundo ou se é o mundo. E Ou como dizia o Millôr Fernandes: essa não!

* * *

Televisão é uma “diversão” doentia (aqui no Brasil, pelo menos). Além de fabricar loucos e robôs a cores, a televisão nada tem de saudável. Saudável são as coisas que acontecem na rua, a vida que está pulsando lá fora. Já não consigo ver televisão — a vida me chama lá fora.

* * *

Gostar de mim é uma coisa muito improvável. Não acredito que alguém, algum dia, possa gostar de mim. Eu sou o indesejado, o não agradecido, uma presença que não interessa a ninguém.

(Isto aí em cima foi escrito quando eu estava bêbado e na fossa — o que, afinal, não é nenhuma desculpa).

* * *

Na falta de outra palavra, eu digo que estou triste nesta noite de 14 de junho de 1972. Como vocês sabem, sou um solteirão de 36 anos (faço 36 em julho, nasci em 1936). Quando tinha 20 anos, eu me sentia terrivelmente na fossa, não acreditava em ninguém nem em nada. Mas hoje eu melhorei muito, hoje eu me equilibro bem melhor. Mas hoje eu ainda tenho as minhas tentações de fossa, tristeza e pessimismo. Então é isso, meu amigo! Depois de 36 anos você ainda não conseguiu superar-se, conseguiu apenas tapear melhor. Quando vejo as mulheres, então volta aquele pessimismo antigo, então penso que não é possível alguém inte-

ressar-se por mim, interessar-se por essa coisa que atende pelo nome de Luís Gonzaga Vieira. Sei que várias pessoas gostaram de mim, mas isso não modifica a questão. E a questão é mulher e amor — e eu sou apenas um contemplativo, apesar Essa necessidade de ter mulher ao seu lado, mas esse fato de você não acreditar em nada, não acreditar no amor da moça por você, e sempre ficar pensando na moça ausente, distante e inexistente. Eu sou um pro-jeto que nunca se realiza. Sou parente de Jeremias também. E também acho muito bacana o recurso do masoquismo. Só não acho bacana a ausência das mulheres..... Eu me acho um escritor muito engraçado, engraçadíssimo. Escrevo no Suplemento, e pronto. Sou inédito em livros, e ser inédito é uma piada suculenta, tão suculenta como bomba de napalm no corpo de uma criança do Vietnã. Não tenho nada, não sou nada, embora não precise de coisa alguma e seja o que sempre quis, isto é, sou escritor e jornalista. A tristeza é velha conhecida, mas hoje eu racionalizo a tristeza, transformo a tristeza em conto, novela, romance, ensaio, bebedeira, etc. Sinceramente, mas até hoje eu não sei o quê que eu sou e o que é que eu estou fazendo aqui! Não sei nada,! Essa estranha e-mo-ti-vi-da-de.

* * *

Nada dá certo. Não é bem isso, meu amigo. É que ocê só costuma prestar atenção nas coisas que não dão certo. E se você pensasse também nas coisas bacanas que te acontecem?

* * *

- Cê tem carro?
- Tenho. Quer um?!

* * *

Só te conheço de vista: há outro modo de conhecer uma pessoa?

* * *

Uma mulher que me preencha, que ela goste tanto de mim como eu dela. Poder contar com a mulher e ela comigo. As mulheres me deixam triste, não por causa delas, mas por causa da atração que sinto. Meu isolamento — a distância afetiva entre as mulheres e eu (e não estou falando de contato físico apenas). Quase tudo. Ou quase nada. As pequenas (e monumentais) diferenças. A beleza das mulheres. E eu feito besta. E elas. E eu.

* * *

Estamos quase no fim do mês de junho e ainda não fez aquele frio que costumava fazer. (As experiências nucleares estão por aí). Mas tá bom assim. (Onde estão as mulheres? Estou falando de mulheres e não de esposas!) Há esse vazio e esse modo constrangido de olhar pro mundo. Acho que não é mais o vazio provocado pela falta de cigarro, pois parei de fumar em abril, já deu tempo de me acostumar com o vazio. Acredito que o vazio agora é o mundo, são as pessoas, são todas as coisas. O que eu penso — e o modo como coisas e pessoas acontecem. Perspectiva é, para mim, uma situação abstrata, aqui e agora. Lá na rua estão festejando as chamadas “festas juninas”. Jogo na loteria esportiva e perco. Também não gosto de sair em grupo com os amigos ou conhecidos, porque vou ficando abatido, querendo ficar sozinho, curtindo minha simpaticíssima solidão. E ela não está interessada no amor, mas na conveniência. E eu seria, para ela, um cara conveniente, que poderia solucionar o problema do casamento dela e, principalmente, acabar com a incômoda condição dela de “titia”. Assim como eu agora sou conveniente pra ela, assim também qualquer outro poderia ser conveniente, tudo dependendo das circunstâncias do momento. Era sempre assim: buscava-se o mais conveniente e não, o mais amado. E quando

se amava uma pessoa, então já era tarde demais, a vida já havia passado. Talvez por isso é que a moça acabava por contentar-se com a conveniência, já que não havia mais tempo de encontrar amor. E os dois iriam curtir o próprio engano pro resto da vida: não se separavam porque tinham medo de ficar sozinhos. Por que você, pelo menos, não me escreve uma cartinha de vez em quando? Não custa nada! Olha pra cima. Tá vendo o céu? A distância é infinita.

* * *

Não há mais barulho na rua, pelo menos não se ouve mais qualquer ruído de buzina, aquele som estridente cavando os ouvidos. Agora está tudo calmo, e agora então as coisas começam a ferver com o silêncio aqui de dentro. Porque o silêncio é que oferece uma perspectiva que rasga mais do que bisturi, por falta de coisa que rasgue mais. Por enquanto, a noite é tão pastosa como as coisas pastosas que não conheço. E o olho, como sempre, continua fixo na frente da parede, procurando alguma coisa ou simplesmente olhando, com aquela necessidade de fixar-se num objeto qualquer. Diabo! Será onde é que eu perdi as minhas chaves? Não estão aqui comigo, mas amanhã eu vou ver se encontro lá no jornal. Na televisão o cômico-cantor procurava fazer a platéia rir e, apesar de não haver graça em nada, a platéia ria. Porque carioca é assim mesmo, carioca tem uma boa vontade incrível pra rir de tudo, boa vontade ou piedade ou masoquismo, sei lá. O carioca ri muito, (não tão vendo como é que eu sou) Por sinal que engordei mais de dez quilos em três meses: eu pesava 57 e tou pesando 70, se a balança não estiver estragada. Na sala as pessoas assistem televisão. Aqui no quarto eu espero o outro dia, pensando em mulher, nessa mulher que não existe e que eu não sei de onde extrair (falo mulher, não falo de esposa nem de filhos) Mas, por favor, não complique as coisas, não venha me falar em amor se eu te conheço há tão pouco tempo, tá feito? Mas você só pensa nisso? Quê que tem eu pensar só naquilo? Há outras coisas. Sem dúvida, mas as outras coisas vêm depois (depois

ou antes?) Seja como for, as pessoas riem, e era bom ver as pessoas rindo Se eu soubesse realmente o que eu queria, eu já teria feito, mas eu não sei, então fico na indecisão, até que o monstro me devore na esquina da Avenida Afonso Pena com Bahia, naquele passeio onde todas as pessoas são transeuntes, por falta de outro nome pior, ou melhor. Lá fora, a noite continua seu caminho de noite e, aqui no quarto (ou toca), eu continuo sendo eu, assim, do jeito que sou ou aparento ser Mas é bom saber que alguém está interessado na gente, mesmo que ela realmente não esteja interessada em coisa alguma. Penso na minha (simpaticíssima) solidão, mas vejo que muitas outras pessoas estão nas mesmas condições que eu e até piores, porque muitas dessas pessoas são mulheres, às vezes já de certa idade, beirando os 30, titias e tudo o mais. Na casa dela só falta ela pra casar, porque as outras todas já casaram: e ela, como é que fica? Fica sondando o ambiente, vendo se aparece alguém disponível. Eu fui formado em bases complicadíssimas, por isso procuro sempre a simplicidade, mesmo que seja a simplicidade de um assassinato ou de um estupro. Por esse motivo é que hoje finalmente eu aprendi detestar as virtudes de corpo e alma, e sempre me..... Na televisão estão aproveitando o pedaço de uma música de Lalo Schifrin, estou ouvindo daqui, e ouço também alguém berrando no microfone que colocaram lá na Praça Sete, estão dando show pras empregadinhas e pros desocupados, a tropa toda fazendo Os sons vêm da Avenida, as pessoas estão rindo ou estão comendo amendoim torrado, algodão-doce, pipoca. E eu tou aqui, falando neles. Aliás, amanhã a empregada deve aparecer, falou que vinha. Eu tenho fome, muita fome Sibelius havia composto "O Cisne de Tuonela", troço melancólico pra burro, conhece? Mesmo que não conheça, não tem importância, a coisa continua melancólica do mesmo jeito. Suzana veio e disse: mas eu não sabia que ocê escrevia desse jeito. Músicas estrangeiras vêm da Avenida, o céu é indiferente, e eu gostaria não sei do quê — sem falar em mulher, é claro, óbvio,

ululante. As pessoas nascem, casam, fazem filhos, ganham dinheiro e morrem. ISTO É A VIDA — muito pouco pra quem tem fome demais — mas é o suficiente pra quem sabe que tem apenas duas mãos e o sentimento do mundo — embora nada seja suficiente, enquanto estiver vivo. Se não sou filósofo, pelo menos dou todas as dicas. Não sou filósofo (ou sou): apenas estou pensando o mundo, e o mundo está me pensando. Há uma porção de coisas acontecendo, e há um cachorro latindo em cima do palco. Os pés estão apertados porque eu ainda estou de sapato e não estou de sandálias franciscanas (as sandálias é que são franciscanas e não eu). Estou com vontade de beber agora, mas estou sem vontade. Seria interessante comer uns dois quibes no Restaurante Chinês ali na Tamoios. Amanhã eu posso acordar cedo, ou posso não acordar nunca. Vejam vocês: minha queridíssima LEILA DINIZ morreu há dias num desastre de avião e até hoje eu nem falei nisso — mas é que não dava mesmo pra falar, a morte dela me avacalhou completamente. Basta dizer LEILA DINIZ e pronto, disse tudo. A filhinha dela não tem nem um ano ainda. E aconteceu isto: LEILA DINIZ morreu, morreu o sorriso dela, o modo fantástico como ela vivia, morreu tudo o que ela significava, ficando apenas a lembrança de LEILA DINIZ. Que fiz eu de tão ruim pra sofrer a morte de certas pessoas? O tempo é mudo, o espaço acabou. LEILA DINIZ morreu em mim.

* * *

— Quantas horas cê tem aí?

— Cê tá precisando de quantas?!

* * *

— Hoje é segunda-feira?

— Por enquanto!

* * *

Vontade de não ter vontade ou de dormir. Vontade de não pensar o mundo nem seus problemas. A posição das mulheres diante do mundo, a situação biológica da mulher. O homem diante do mundo ou diante de um grande espelho: macho, todo-poderoso, patriarca, senhor, criador do mundo. O homem cria e as mulheres consomem? Por que poucas mulheres produzem e criam? Por que existe tudo como existe? Por que esforçar-se, se o esforço vai modificar tão pouca coisa? Por que escrever e publicar? Já não basta apenas a *fama* de escritor? Diante de *tudo* o que existe, o que fazer da vida? O que fazer diante de tudo? Por que o amor? Por que essa atração desgraçada pela mulher? Se a mulher não é objeto, por que ela procede como objeto e por que se oferece como se estivesse num mercado? O que realmente importa é o amor ou a conveniência? Existe alguma coisa que realmente importe? De um lado está o ritmo biológico que praticamente ainda é o mesmo até hoje, e de outro lado está o ritmo do progresso e da civilização: e a verdade é que o ritmo biológico não acompanha o ritmo atual da civilização, daí nascendo uma porção de anomalias que só tendem a aumentar, embora essas anomalias possam ser vistas como "normais". Os cromossomos masculinos e femininos são estudados, homem e mulher são colocados na balança. Minha posição diante do mundo não é apenas uma opção, mas é também condicionamento físico, mental, social, econômico, biológico, tudo. X são os dois cromossomos que caracterizam a mulher. Y é o cromossomo feminino, que nunca aparece na mulher. E cada homem tem o X feminino, herdado da mãe, e o Y herdado do pai. Se tudo isso é certo, por onde andarás o Z?! De qualquer modo, é sempre bom pensar que as teorias são feitas por machos, que estão sempre prontos para justificar a própria "superioridade". (Num mundo matriarcal, todas essas teorias continuariam sendo corretas?!) O que fazer diante de tudo o que há por fazer? Existe algum paraíso que não conhecemos? E como se dá o relacionamento de uma pessoa com outra? Todo o Universo é uma tremenda interrogação, e talvez seja esta a resposta. De que me adianta ser lúcido e inteligente? Mas

de que me adiantaria ser tapado e burro? As coisas adiantam ou tudo está além dessas questões? Enquanto os olhos devoram o mundo, o mundo vai comendo os olhos. Por mais que as coisas sejam, elas podem apenas ser, nada mais. Estou definitivamente vivo, nunca poderia deixar de existir.

* * *

— Por quê que a Terra não cai?

— Cair onde?!

* * *

Minha tia Bebé está doente, com arteriosclerose, piorando cada vez mais. E eu não vou visitar minha tia Bebé que sempre gostou de mim, e isto por um único motivo: porque eu tenho vergonha de chorar perto dos outros.

Dias atrás eu bebi e vim pro meu quarto escutar música: então eu chorava enquanto a música tocava, soluçava, o rosto molhado, uma crise tremenda de choro e soluço, a fossa, a melancolia, a angústia, esses nomes todos vinham por cima de mim. Eu estava *sentindo* as coisas, *sentindo* o mundo e *me sentindo*. Era uma coisa parecida com depressão, mas o masoquismo me salvava. Eu não estava chorando o mundo, eu estava *me* chamando, *me* expelindo. No dia seguinte fiquei meio espantado ao lembrar minha crise de choro, mas agora já esqueci.

Um livro meu está na Artenova, outro na Gernasa, outro na Brasiliense e o quarto poderá ser levado pra Civilização Brasileira, pra não falar no quinto, que continua na gaveta.

Amanhã é quarta, hoje foi terça. Ocupo determinado espaço e, como um bom pequeno burguês, procuro não incomodar ninguém. Os olhos pesam.